

APRESENTAÇÃO

SOCIEDADE AMAZÔNICA: PROCESSOS, RELAÇÕES E SINGULARIDADES

Marcelo Bastos Seráfico de Assis Carvalho¹

Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto²

Bruno de Oliveira Rodrigues³

Muitas visões disputam a leitura da Amazônia. Enquanto o exotismo às realidades ocupa o imaginário social, produzindo efeitos de distanciamento e estranhamento, a condição de possibilidade para o modelo de produção capitalista a vê como potência de produção de riquezas de diversas ordens, inclusive especulativa. Mas, numa terceira acepção, a Amazônia é também um campo de experiências multidiversificadas da existência humana, principalmente nas esferas da cultura e da interação homem-meio, apresentando, com isso, um manancial de interpretações possíveis, conhecidas e desconhecidas, conectando o passado às possibilidades de futuro no presente.

Pensar a Amazônia a partir de ecologias interativas, semeadas pelas possibilidades interacionais comprometidas com a realidade e a produção das singularidades locais, possibilita outras leituras viáveis e validáveis no processo de interação das linguagens disponíveis. A expressão dessas singularidades amazônicas se dá em vários níveis, seja nas organizações sociais, estratégias de exploração, tentativas de interpretação, resistência à destruição ou religiosidade, dentre outros, o que, *per se*, dimensiona espaços

¹ Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Professora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

³ Professor da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutor em Sociologia e Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

abertos à participação de atores nos campos disciplinares, interdisciplinares e do conhecimento popular.

Dito isso, o presente dossiê, focalizado nos processos, relações e singularidades amazônicas, reúne sete trabalhos, os quais pretenderam, de forma articulada e criativa, explorar experiências.

No primeiro artigo intitulado “Manaus, a Metrópole da “Amazônia”: uma versão pouco conhecida sobre a urbanização do norte brasileiro”, **Silvia Adriana Lima Corrêa** vai transitar no campo da sociologia urbana numa interface com o processo de industrialização, demonstrando as inversões e singularidade desse processo na Amazônia e os processos de subalternização periférica que dele decorre, com olhar direcionado ao caso de Manaus/AM.

No texto “Os indígenas e a Ancestralidade da Festa da Padroeira em Parintins, Amazonas”, arquitetado por **Rosimay Corrêa**, que olha para a relação entre os indígenas e a festa da padroeira em Parintins/AM, é tecida a identidade católica inspirada na devoção à Santa, associando a maternidade de Maria e a ancestralidade indígena fundada na existência de um espírito feminino que protege, fecunda, alimenta, educa, cura, cuida dos filhos e habita.

Thainá Guedelha Nunes e Lourdes Gonçalves Furtado contribuem com o contexto analítico no campo da teoria decolonial e da produção de dignidade, voltando o olhar para os ribeirinhos do interior do Pará. Assim, no texto “Decolonialidade e Bem Viver: uma reflexão a partir do contexto ribeirinho da Ilha do Combu” pode-se notar um esforço de verificação da falência dos modelos de desenvolvimento do Norte para o modelo de viver na contramão da Belém continental, em formato contra-hegemônico.

O autor **Bruno de Oliveira Rodrigues**, por sua vez, quando rascunha sua proposta, denominada “E a titulação dos quilombos como fica? O orçamento quilombola e ‘necropotência’ do ‘Programa Titula Brasil’”, está ensaiando apresentar uma proposta de leitura singular para temas que têm afetado diretamente a realidade amazônica, pois pretende ler o tratamento político de uma política social pelo ângulo do orçamento público e do programa “Titula Brasil”. Com isso, busca destacar como a política cria e exerce predomínio sobre o orçamento, com fito de determinar a produção da

realidade e, ainda, desenhar contrapolíticas para anular políticas historicamente desenhadas. Aqui o leitor encontra a agudização dos efeitos e da potência nefasta desse programa na Amazônia, que privilegia a grilagem, invasão das terras e concentração fundiária.

A dupla **Liliane Costa Oliveira** e **Donizete Rodrigues**, com grande habilidade e *expertise*, contribui para as leituras das singularidades amazônicas no campo da religião. Assim, no texto “Amazônia, Terra de Avivamento Religioso: o caso do pentecostalismo”, autora e autor refletem sobre o processo de adaptação do movimento protestante-pentecostal na Amazônia brasileira, mais especificamente com o olhar voltado para Belém/PA e Manaus/AM, onde as práticas nativas encontraram o pentecostalismo, que se hibridizou em uma forma “cabocla” própria.

Marilina C. Oliveira Bessa Serra Pinto traz sua contribuição ao campo de estudos sobre o imaginário social, no artigo intitulado “Notas sobre a Sociocosmologia da Amazônia: dos encantados aos waimahsã”, ao discutir o estatuto epistemológico da noção de “gente”, presente nas sociocosmologias de alguns coletivos indígenas amazônicos, baseada na teoria do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro.

No texto intitulado “A Modernidade/Colonialidade no Imaginário Nacional sobre a Amazônia em um Contexto de Terceiro Mundo, a autora **Joicieli Pereira de Lima** buscou demonstrar, por meio dos componentes teóricos decoloniais e de pesquisa quanti-qualitativa, de que modo a lógica relacional modernidade *versus* colonialidade ainda se faz presente no imaginário nacional sobre a Amazônia, cujos estereótipos do subdesenvolvimento e do atraso persistem até os dias atuais, influenciando negativamente as dinâmicas e fluxos sociais.

Com seis mãos, três cabeças e um fio condutor, conseguimos aqui reunir contribuições epistemológicas e de leituras de realidades sofisticadas sobre a Amazônia contemporânea, associando, então, contribuições relevantes que têm potência para aumentar o arcabouço e estoque de conhecimento sobre o norte brasileiro e as dinâmicas sociais que o definem, pelo menos na parte que foi possível aqui envolver. Trata-se de um esforço que incrementa o campo acadêmico e focaliza as realidades e práticas amazônicas.